

O QUE PODE A POESIA?

WHAT CAN POETRY?

José Carlos de Freitas¹

Resumo: Este artigo reflete sobre o poder da poesia a partir de reflexões filosóficas feitas por Platão, Aristóteles, Agostinho, Nietzsche, Heidegger, Freud, Adorno, Benjamin, Deleuze e Guattari, Lipovetsky e Serroy e da crítica literária de Octavio Paz, Antonio Cícero e Benedito Nunes. A poesia, tal como foi abordada e compreendida pelos filósofos, possui um leque de possibilidades que abrange desde a capacidade de celebração e perenização do homem quanto a sua identificação como homem e resistência perante o mundo administrado.

Palavras-Chave: Poesia e filosofia; poesia e poder; resistência; linguagem.

Abstract: This article reflects on the power of poetry from philosophical reflections made by Plato, Aristotle, Augustine, Nietzsche, Heidegger, Freud, Adorno, Benjamin, Deleuze and Guattari, Lipovetsky and Serroy and literary critic made by Octavio Paz, Antonio Cicero and Benedito Nunes. Poetry, as addressed and understood by philosophers, has a range of possibilities that cover from the capacity of celebration and evergreening of man as his identification as mankind and resistance before the administered world.

Keywords: Poetry and philosophy; poetry and power; resistance.

1. O que pode a poesia?

“Lutar com palavras”, escreve Drummond, “é a luta mais vã”. E o diz com a devida ressalva: elas “são muitas” e o poeta, “pouco” (1979, p.147). Quintana, por sua vez, escreve que “O poeta é belo porque os seus farrapos / são do tecido da eternidade”. E ainda que “O poeta canta a si mesmo / porque de si mesmo é diverso”. Se os poetas, essa confraria, que mal conseguem viver da renda de sua poesia, se confessam frágeis diante de seu ofício, por que insistir numa suposta força de um objeto cuja fonte é impotente?

Então, delimitemos a questão: “O que pode a poesia?”. Primeiramente, perguntar pelo que a poesia pode nos remete ao *poder*. Ela pode? Não pode? Em segundo lugar, nos direciona ao *ser da poesia*. O que é isso que pode? Porque parece pacífico que já a entendemos quando imaginamos que tenha algum poder. Se ela pode, sobre o quê? Há um poder, por seu turno, sobre esse poder? Um poder de ofício, considerando o seu etmo

¹ José Carlos de Freitas, Mestre em Letras pela Universidade Federal Fluminense (UFF), Licenciado em Filosofia pela Unioeste (Toledo-PR), professor de Filosofia, do Centro Universitário UnirG (Gurupi-TO)

“poiésis”: algo *produtivo*. Poder suposto implica em meta. Assim, o que pretende a poesia? Em terceiro lugar – como estamos acostumados a atomizar o poder numa posição verticalizada de cima para baixo – qual o *lugar* de onde fala a poesia? Onde ela está instituída e estatuída, para não dizer canonizada? De que se imbuí? O que ela conserva, reservando para si um poder? E, por fim, a política com a conseqüente instrumentalização da poesia. Tem força revolucionária? Que engajamentos? É força de resistência? O atendimento a estas delimitações não se descola da afirmação de alguma força da poesia. Como importante ainda é a confissão honesta de que qualquer consideração sobre a poesia parte, sobretudo, de fora dela. Isto é: não é a poesia que fala, mas a crítica. E esta não se pretende poética, mas ciência que, por seu turno, também opta por um lugar. E o lugar privilegiado, neste artigo, será o da filosofia. Assim, pontua-se: *que tipo de poderes os filósofos viram na criação poética?*

O crítico e poeta Antonio Cícero, nas considerações que faz sobre *poesia e filosofia*, nos lembra Guimarães Rosa, “para quem a filosofia mata a poesia”, acrescentando, no jogo de forças, a reação: “A poesia amolece a filosofia” (CÍCERO, 2012, p.8). A filosofia progride com enunciados propositivos, evitando, ainda que dialética, a contradição. A poesia, ao contrário da filosofia, é elaborada essencialmente na contradição. Talvez esteja na *compatibilidade do contraditório* a sua maior expressividade. Um primeiro olhar – amolecido – da filosofia sobre a poesia está no susto provocativo de seus paradoxos.

Assim, a título de princípio, vale lembrar Octavio Paz que, no início de seu livro *O arco e a lira*, talvez nos responda à questão proposta – *O que pode a poesia?* – do único modo adequado, mas não-satisfatório, em que pode ser tratada a criação poética: o paradoxo, a contradição, a sensação de que, no fim, tudo se propõe e nada se responde:

A poesia é conhecimento, salvação, poder, abandono. Operação capaz de transformar o mundo, a atividade poética é revolucionária por natureza; exercício espiritual, é um método de libertação interior. A poesia revela este mundo; cria outro. Pão dos eleitos; alimento maldito. Isola; une. Convite à viagem; regresso à terra natal. Inspiração, respiração, exercício muscular. Súplica ao vazio, diálogo com a ausência, é alimentada pelo tédio, pela angústia e pelo desespero. [...] Filha do acaso; fruto do cálculo. Arte de falar em forma superior; linguagem primitiva. Obediência às regras; criação de outras. (1982, p.15-16).

Octavio Paz nos dá conta de que, sendo muita coisa a poesia, há, no poema, uma materialidade intangível. E o *seu primeiro poder* é o que *atenta contra a ordem lógica do pensamento*. Ou que pelo menos dela escapa. E, neste seu escape ou atentado, ela se torna um significar concorrente com a filosofia para benefício mútuo.

A poesia, muito antes da filosofia, concorria para a formação moral e política do homem, assumindo um papel religioso. Este foi o lugar original da poesia. A cargo de *poetas-profetas*, ela descrevia a ação criativa dos deuses, manifestações cósmicas em busca da harmonia contra o caos. Assim tivemos Homero, Hesíodo, Arquíloco, Mimnermo, Píndaro, Safo, etc, reverenciados como formadores espirituais do homem grego. Era o espaço do *mito*, do qual a poesia guarda ainda alguma proporção. Desta sua investida, duas direções de poder são resultantes: primeira, o ingresso da ideia de uma *ordem natural como princípio ético fundamental* do ser humano. A ordem cósmica bela e harmoniosa passa a ser ideal do homem, originado na poesia e adotado pela filosofia; segunda, a *ideia de perenidade* atribuída à poesia, atribuindo-se aos poetas a capacidade de inscrever os sujeitos e suas sagas na memória do povo. Ideia que responde por toda uma educação cujo ideal é o *heroísmo*, cujo limite é o *morrer belamente*, de preferência quando jovem e belo. Ideal que permanece, pelos séculos, sempre atualizado.

Esse poder de *perenização*, de inscrição na *memória*, pode ser constatado em três poetas distanciados pelo tempo. Primeiro: a poetisa Safo (século VII a.C.), descrevendo a situação residual de sua amante, caso não seja valida por sua lavra: “E morta jazerás, / nem a memória de ti permanecerá jamais no futuro, / pois não participas das rosas da Piéria; / mas, invisível mesmo na morada de Hades, / errarás esvoaçante entre cadáveres obscuros” (ACHCAR, 1994, p.154). Depois, o poeta brasileiro Tomás Antônio Gonzaga (século XVIII), quando igualmente lembra esse valor à sua Marília: Em vão se viram / pérolas mimosas, / jasmims e rosas / no rosto teu. / Em vão terias / essas estrelas / e as tranças belas, / que o céu te deu, / se em doce verso / não as cantasse / o bom Dirceu” (ACHCAR, 1994, p.166-167). E, por fim, no século XX, Mario Quintana (2005, p.55):

Ah, toda essa vergonha de sermos devorados
 - meticulosamente - por milhões de ratos
 durante sessenta, setenta, oitenta anos
 Quando bem poderia surgir de súbito o nobre leão da morte
 Na plenitude nossa
 Como acontece com os heróis da Ilíada,
 Mas os heróis só morrem No País da Ilíada
 Belos e jovens...
 Aqui, qualquer heroísmo se desmoraliza dia a dia
 [como a barba do tempo arrancada, fio a fio,
 [das folhinhas...

No entanto, o empréstimo da harmonia cósmica que a filosofia toma à poesia não ocorre sem depurações. E a poesia experimenta, pela primeira vez, o poder da censura. Isto

ocorre com Xenófanes (570-475 a.C.), Platão (428-348 a.C.) e Aristóteles (384-322 a.C.). Se há censura sobre algo, é certo de que quem o faz parte da crença de que esse algo detém um poder de corrupção. E o suposto poder de corrupção da poesia está na forma com que apresenta os deuses: equivalentes aos vícios dos homens. Como é possível desejar que o cidadão seja justo se sequer os deuses que eles reverenciam o são? É assim que os poetas não serviriam mais para educar os cidadãos, para Xenófanes. Ou deveriam ser banidos da república, para Platão. E evitados pelas crianças, para Aristóteles. A poesia poder corromper. Ela trabalha com as emoções e as desmedidas. Não serve para uma filosofia que fundamentou uma ética na concepção de *justa medida*. Acrescente-se a isto que, como julga Platão, a emoção estética, da qual faz parte a poesia, não contribui para o conhecimento da verdade, da posse do bem, situada na condição de cópia de cópia da ideia original divina, da qual a alma um dia participou.² No entanto, apesar dessa intransigência, Platão é o filósofo que mais recorre à poesia quando cuida de sua doutrina. E Aristóteles vai dar à arte, de forma geral, e à poesia, de forma particular, uma função toda especial: poder de cura, de purificação espiritual, a *catarse*. Um poder que, volta e meia, é referido pela própria poesia, a exemplo da canção *Quando eu estiver cantando* de Cazuzza e João Rebouças: “Porque eu só canto só / E o meu canto é minha solidão / É a minha salvação / O meu canto redime o meu lado mau”.³ Ou da canção portuguesa *Foi Deus!* de S. Manuel e A. Fialho Janes: “Não sei, não sabe ninguém / Por que canto fado / Neste tom magoado / De dor e de pranto / E neste tormento / Todo sofrimento / Que sinto na alma / Cá dentro se acalma / Nos versos que canto.”⁴ E ainda a canção *Kaira* do músico africano malinês Toumani Diabaté com letra de Arnaldo Antunes: “A música muda você / Você muda mais alguém / Alguém muda outro alguém / Que muda você também // Pra melhor, pra melhor, pra melhor”.⁵

Se ela é recomendada como purificação da alma, como um possível apaziguamento do espírito, vale também registrar, como contrapartida à censura imposta daqueles filósofos, uma passagem do *Fédon* de Platão, relatando um Sócrates dedicado a compor poesia, antes de sua execução: “fiquei a pensar comigo se não seria esse o tipo comum de “música” que o sonho me prescrevia, e achei conveniente voltar-me então para a poesia, para, no caso de assim ser,

² Cf. PLATÃO: República, Livro X.

³ Disponível em <<https://www.vagalume.com.br/cazuzza/quando-eu-estiver-cantando.html>>, acesso em 13.06.2016.

⁴ Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/emilio-santiago/foi-deus.html>>, acesso em 13.06.2016.

⁵ Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/arnaldo-antunes/kaira.html>>, acesso em 13.06.2016.

não cair em desobediência.” (2000, p.36). E também a consideração de Nietzsche sobre Sócrates preso, à espera da morte, vertido em poeta:

Aquele lógico despótico, cumpre afirmar, tinha aqui e ali, com respeito à arte, o sentimento de uma lacuna, de um vazio, de meia censura, de um dever negligenciado. Com frequência vinha-lhe, como na prisão contou a seus amigos, uma e a mesma aparição em sonho, que sempre lhe dizia o mesmo: “Sócrates, faz música!”. Ele se tranquilizava, até os últimos dias, com a opinião de que seu filosofar é a mais elevada arte das Musas, e não acredita plenamente que uma divindade venha lembrá-lo daquela “música popular, ordinária”. Por fim, na prisão, para aliviar de todo a sua consciência, dispõe-se a praticar também aquela música por ele tão menosprezada. (2003, p.90-91)

A esta passagem, Nietzsche conclui com duas perguntas reiterativas: “Será que não existe um reino da sabedoria, do qual a lógica está proscrita? Será que a arte não é até um correlativo necessário e um complemento da ciência?”. (2003, p.91). Era assim que ele – cujo pensamento inspirará Deleuze e Guattari mais tarde – via a arte. Como nota Benedito Nunes sobre Nietzsche, “o artístico é o lado essencial do conhecimento.” (2010, p.14). A poesia é tão verdadeira quanto a filosofia e, de mesmo modo com esta última, conducente a erro e mentira. Segundo Nietzsche, loucura e mentira são necessárias à vida: “O instinto estético, que é vital, os empurra contra a verdade objetiva e o normal da virtude satisfeita”(NUNES, 2010, p.14). Para Nunes, Pessoa e Nietzsche se frequentam na convicção de que a busca da verdade passa pela vontade de fingir. O poeta e o filósofo exemplificam uma *relação transacional* entre filosofia e poesia que vão encontrar, enfim, sua proposição acabada em Heidegger e Wittgenstein, onde pensar se faz melhor com o auxílio da imaginação poética.

Na mesma linha de Platão, no intuito de condenar emoções desmedidas, Santo Agostinho identifica no gozo estético *o prazer dramático*, num texto que mantém certa correlação com a atualidade:

Mas por que quer o homem condoer-se, quando presencia cenas dolorosas e trágicas, se de modo algum deseja suportá-las? Todavia, o espectador anseia por sentir esse sofrimento, que, afinal, para ele constitui um prazer. Que é isso senão rematada loucura? Com efeito, tanto mais cada um se comove com tais cenas quanto menos *curado* se acha de tais afetos (deletérios). Mas ao sofrimento próprio chamamos ordinariamente *desgraça*, e à participação das dores alheias, *compaixão*. Que *compaixão* é essa em assuntos fictícios e cênicos, se não induz o espectador a prestar auxílio, mas somente o convida à angústia e a comprazer ao dramaturgo, na proporção dador que experimenta? (1973, p.57-58).

Podemos, a despeito do demérito empreendido por estes filósofos, afirmar *o poder de comoção da poesia*. E podemos, à reivindicação de Nietzsche, acrescentar a distinção que Deleuze e Guattari fazem entre *conceptos*, *perceptos* e *afectos*, circunscrevendo os territórios da filosofia, da ciência e da arte, cada um deles na sua estrita competência de abordar o real e produzir conhecimento. A filosofia produz conceitos; a ciência se vale de percepções; a

poesia conduz à afeição. É próprio dela comover. E é nesta comoção que, tal como a ciência e a filosofia, revela o ser.

A este *status* que Deleuze e Guattari dão à arte, soma-se ainda o *poder de resistência* inerente a ela, quando se trata de fazer frente a um mundo administrado, a uma vida deteriorada e insignificante, a uma trajetória que envergonha:

[...] a vergonha de ser um homem, nós não a experimentamos somente nas situações extremas [...] mas nas condições insignificantes, ante a baixaza e a vulgaridade da existência que impregnam as democracias, ante a propagação desses modos de existência e de pensamento-para-o-mercado, ante os valores, os ideais e as opiniões de nossa época. [...] Não nos falta comunicação, [...] falta-nos criação. Falta-nos resistência ao presente. (1992, p.140)

A poesia, como também a teoria filosófica, carrega em si o sofrimento dos povos, as contorções do presente e, juntas, são testemunhas do sacrifício que faz trançar destinos nos horizontes do mundo: “Eles têm em comum resistir, resistir à morte, à servidão, ao intolerável, à vergonha, ao presente” (1992, p.224). Eles equiparam o filósofo e o poeta como possuidores de uma saudade frágil, principalmente por conta do que testemunham: “é porque eles viram na vida algo de grande demais para qualquer um, de grande demais para eles, e que pôs neles a marca discreta da morte” (1992, p.224).

A poesia aponta, como muitos filósofos reconhecem, para uma terra remida, um lugar sonhado, do qual o homem ressentido que foi uma vez desligado ou desenraizado. A poesia, feita de palpitações da realidade, de engajamentos na história, mesmo quando ensaia devaneios como quer Bachelard (1996), mesmo quando busca um espaço de escape como atesta Adorno (1975), pode fornecer uma imagem crítica do mundo que ninguém gostaria de ver perpetuada. Assim, um outro poder da poesia é o do *engajamento social*. Engajamento que ela realizará tanto mais quanto subtraída da realidade que critica: “Seu afastamento da mera existência torna-se em medida do que nesta é falso e mau. Protestando contra isto, o poema expressa o sonho de um mundo em que a situação seria outra (ADORNO,1975, p.203).

Outra potencialidade da poesia, como arte que ela é, consiste, na linha de resistência de Adorno, Deleuze e Bachelard, na *capacidade de oferecer paliativo para suportar o peso da vida*. Quem defende isso é Freud. Para ele, a vida é muito pesada para a maioria dos seres humanos. Entre tantos subterfúgios para enfrentar o sofrimento e lucrar uma existência amenizada, está a arte e, por conseguinte, a poesia. “Entre essas satisfações pela fantasia” – escreve Freud – “se destaca a fruição das obras de arte, que por intermédio do artista se torna acessível também aos que não são eles mesmos criadores” (2010, p.37). Mas, para Freud, a arte, com também todos os outros paliativos, declina em face da realidade. Ela pode alguma

coisa, mas não pode tudo. Não vence a morte nem desvanece a realidade. “Mas a suave narcose que nos induz a arte”, conclui ele, “não consegue produzir mais que um passageiro alheamento às durezas da vida, não sendo forte o bastante para fazer esquecer a miséria real” (2010, p.37).

Outro aspecto de poder da poesia situa-se na *linguagem*. Esta que nomeia e evoca o ser. Desoculta-o, ocultando-o. Evidencia-o, ressacralizando-o. Enquanto linguagem de comportamento inusual, sem o que não existe, há duas facetas consideráveis. A primeira, com Walter Benjamin, a poesia é *tradução* de uma linguagem divina ao homem a quem assiste uma linguagem decaída e profana. A poesia seria uma mediadora entre o Criador e o homem. Criar e conhecer simultaneamente é um atributo de Deus, único ato que se tornou desatos cindidos com o ser humano. No início, porém, o homem conhecia esta linguagem divina e, decorrente disto, devia colaborar no processo criador. Com a queda adâmica, no entanto, a linguagem humana passou por um processo que, mesmo refinado, não passa de degradação. Saímos da dimensão nomeadora para a dimensão comunicativa da linguagem. Saímos do nome para o juízo, da palavra para a frase (KONDER, 1999, p.38-39). A poesia, seguindo esta ideia, teria a *competência de ressacralizar*. E o fará tanto quanto puder criar imagens, com economia verbal. Dizendo menos, dirá muito mais.

Heidegger também assim a referenda, quando diz que “fazer poesia é de si fazer entrega de nomes aos deuses” (CARVALHO, 2003, p.14). Mas, deste poder suposto, decorre um não-poder, como nos lembra Octavio Paz: “A expressão poética é irreduzível à palavra e, não obstante, só a palavra a expressa” (1982, p.135). É sintomático que, durante sua criação, os poetas se refiram ao próprio trabalho como impossibilidade e falem de poemas que não puderam compor, da palavra esperada que não chega.

Finalmente, dentre todos os filósofos que cuidaram de pensar a poesia e o que lhe cabe como poder, Heidegger tem felizes dizeres. Estes dizeres estão nos seus ensaios e conferências que abordam a linguagem, que não é jamais um simples instrumento, mas assentamento do próprio ser do homem. E, inevitavelmente, a linguagem, conforme ele a trata e vislumbra, recai na palavra poética. É assim que, como muitos poetas já o experimentaram, diz que “falar da linguagem talvez seja pior do que escrever sobre o silêncio” (2004, p.8). E, na pretensão de abordar “a linguagem ela mesma”, diz que a linguagem é muito mais que representação do mundo, poder que ficou circunscrito ao sujeito moderno, um ser de enunciações e juízos. “Em sua essência, a linguagem não é expressão e nem atividade do

homem.” – escreve ele – “A linguagem fala. O que buscamos no poema é o falar da linguagem. O que procuramos se encontra, portanto, na poética do que se diz” (2004, p.14).

Na conferência *A linguagem na poesia*, a partir de um poema de Georg Trakl⁶, Heidegger diz que “Todo grande poeta só é poeta de uma única poesia” (2004, p.6). Aquela que se torna sua marca e sua inscrição. “A grandeza de um poeta” – reitera ele – “se mede pela intensidade com que está entregue a essa única poesia a ponto de nela sustentar inteiramente seu dizer poético” (2004, p.6). E, quando se trata de dizer o que pode a poesia, Heidegger sempre lembra que *a força da poesia está em não ser redutível à palavra*. Há uma precariedade no dizer poético que sempre realimenta a sua existência:

A poesia de um poeta está sempre impronunciada. Nenhum poeta isolado e nem mesmo o conjunto de seus poemas diz tudo. Cada poema fala, no entanto, a partir da totalidade dessa única poesia, dizendo-a sempre a cada vez. Do lugar da poesia emerge a onda que a cada vez movimenta o dizer como uma saga poética. (2004, p.28)

Daí que o trato com a poesia, segundo Heidegger, só seja adequado com outra poesia. O pensamento reflexivo, que seja a crítica, só indiretamente pode abordá-la. Para Heidegger, não é a linguagem que mora no homem; é o homem que mora na linguagem. No diálogo com a poesia, se acha o homem:

O diálogo propriamente dito com a poesia de um poeta só pode ser um diálogo poético: a conversa poética entre poetas. [...] A conversa do pensamento com a poesia busca evocar a essência da linguagem para que os mortais aprendam novamente a morar na linguagem. [...] O diálogo pensante com a poesia só pode servir à poesia de maneira indireta, por estar sempre no perigo de perturbar o dizer da poesia ao invés de permitir que ela cante desde sua calma e repouso mais próprios. (2004, p.28-29)

Na conferência *A essência da linguagem*, ainda visando tratar da linguagem como linguagem, Heidegger lembra mais uma vez que “por mais que falemos uma língua, a linguagem propriamente nunca vem à palavra.” Esta é a sua condição para que dela façamos uso: a de que a palavra fique resguardada. E se há um momento em que a linguagem, o mais próximo dela mesma, pode tocar o homem, este momento é a poesia: “Quando se trata de trazer à linguagem algo que nunca foi dito, tudo fica na dependência de a linguagem conceder ou recusar a palavra apropriada. Um desses casos é o do poeta” (2004, p.123). E, na rota dessa

⁶ Georg Trakl foi um poeta expressionista austríaco, morto aos 27 anos, em Cracóvia, em 1914, depois do consumo de uma alta dose de cocaína. Com a morte prematura de seu pai e com uma mãe que sofria de demência, foi obrigado a cuidar da mãe e de sua irmã. Serviu ao exército como oficial farmacêutico, função que ajudou na sua depressão. Era consumidor de ópio, veronal e cocaína desde a adolescência e consta que manteve relação de incesto com a irmã.

palavra poética, Heidegger se vale também de um poema de Stefan George⁷, publicado em 1919, justamente com o título *A palavra*. Nele, a despeito de toda sua riqueza, duas situações da palavra são claramente manifestadas: primeiro, “nada repousa sobre a razão profunda”; segundo, “nenhuma coisa seja onde a palavra faltar” (2004, p.124). Heidegger explora fartamente esta cumplicidade entre *pensamento* e *poesia*. E diz que na poesia também se pensa “sem ciência e sem filosofia”. E talvez aqui resida outro enorme poder seu: a *renúncia*, entendida por ele como *re-anúncio*:

Para o poeta, a palavra se diz como aquilo a que uma coisa se atém e contém em seu ser. O poeta faz a experiência de um poder, de uma dignidade da palavra, que não consegue ser pensada de maneira mais vasta e elevada. A palavra é, ao mesmo tempo, aquele bem a que o poeta se confia e entrega, como poeta, de modo extraordinário. O poeta faz a experiência do ofício de poeta como uma vocação para a palavra, assumida como fonte e borda do ser. A renúncia que o poeta aprende é do tipo de uma abnegação plena, à qual somente se prenuncia o que de há muito se vela e propriamente já sempre se consente. (2004, p.135)

Se o pensamento pode estar ocupado com a poesia, é porque ele não consiste apenas no questionamento, mas em escuta. “Pensar”, diz Heidegger, “é também escutar o consentimento daquilo que se deve tornar-se uma questão.” (2004, p.135). Assim, um poder precípuo da poesia deve ser este: o da escuta, do acolhimento, no recolhimento, do ser. E possamos, a partir daí, dar razão a Adélia Prado: “Não é para entender que nós pensamos, / é para sermos perdoados” (2012, p.52).

Para finalizar, há dois poderes atribuídos à poesia, igualmente ligados à sua permanência como arte no mundo. O primeiro é referido pelo já citado crítico Octavio Paz e o segundo, por Gilles Lipovetsky e Jean Serroy. Nos dois casos, debate-se uma suposta *crise da poesia*, o seu declínio ou capitulação. Para Paz, quem entra em crise são as sociedades, jamais a poesia. Prova o caso, dizendo que “todas as épocas de crise ou decadência social são férteis em grandes poetas [...] A poesia muda; não progride nem decai. Decaem, sim, as sociedades” (1982, p.13). Lipovetsky e Serroy se direcionam ao poder de nivelamento e rasura do capitalismo contemporâneo com a consequente colonização da arte pelo mercado. Para eles, a arte já passou por três fases – a artealização ritual, a estetização aristocrática e a moderna estetização do mundo – que foram superadas pela *era transestética* que caracteriza nossos dias. Esta quarta fase ainda é fruto de um capitalismo que, segundo eles, é “incompatível com uma vida estética digna desse nome, com a harmonia, a beleza, o bem viver” (2015, p.12). A modernidade imprimiu sobre todos os ambientes a mesmidade, isso

⁷ Poeta e tradutor alemão, morto em 1933. Conviveu com Stefan Mallarmé e Paul Verlaine. Acreditava que o propósito da poesia era a de manter-se afastado do mundo. Praticou uma lírica aristocrática e formal.

expresso justamente pela padronização dos espaços de convivência. O que se obtém da visão, antes diversificada do mundo, é “a sensação de que aqui é como em qualquer lugar” (2015, p.12). Trata-se de um capitalismo que distribui feiuras pelo mundo e, nisto, a arte se acha reduzida pelo triunfo do mercado sobre ela. Ela se tornou artigo de consumo, acessórios da moda, como qualquer outro, “instrumento de legitimação das marcas e das empresas do capitalismo” (2015, p.29). A forma como as empresas injetam o consumismo, com a neocolonização da arte, é direcionamento de sua tarefa para o campo da diversão cultural. A poesia, como parte da arte em geral, deixa de ser precipuamente uma ocasião de reflexão profunda sobre os dramas humanos para ser apenas ilustração ritual de espetáculos.

Lipovetsky e Serroy perguntam se pode a arte salvar o mundo. E pontuam: “O ideal estético que triunfa é o de uma vida feita de prazeres, de novas sensações, mas simultaneamente temos de dar prova de excelência, de eficiência, de prudência” (2015, p.33). Se há uma ética veiculada por esta estética hipermoderna, ela se mostra incompetente para no sentido de realizar uma existência reconciliada, “nós a sonhamos voltada para a beleza, e ela está voltada para a competição.” E concluem: “As belezas são excessivas, mas não nos aproximamos em absoluto de um mundo de virtude mais elevada, de maior justiça ou mesmo de maior felicidade” (2015, p.33). Se estes autores veem este “fracasso da arte”, Paz defende justamente este momento como a prova de fogo da arte como resistência, mesmo que encastelada ou exilada. Para Paz,

Cada vez que surge um grande poeta hermético ou movimentos de poesia em rebelião contra os valores de uma sociedade determinada, deve-se suspeitar de que essa sociedade, e não a poesia, sofre de males incuráveis. E esses males podem ser medidos conforme duas circunstâncias: a ausência de uma linguagem comum e a surdez da sociedade ante o canto solitário. A solidão do poeta mostra a queda social. (1983, p.53)

Cada época histórica teve seu profeta para denunciá-la como decadente. Antigamente e agora também. E talvez o seja para sempre. Se Paz tem razão ou não, se Lipovetsky e Serroy, assim como Freud e Adorno, têm ou não sua razão, fica muito claro que a arte sempre teve uma função: a de ajudar o homem nesta travessia onde sofrimentos e gozos são episódicos e alternantes. Fica muito claro também que, exatamente por ser assim precária a vida do homem, a arte, mais do que abastecimento de vida, é pela vida abastecida. A poesia é poesia porque, como tudo diante da vida, ainda é insuficiente. Insuficiência que vai filiando poetas numa busca de completude.

Referências

- ACHCAR, Francisco. *Lírica e lugar-comum. Alguns temas de Horácio e sua presença em português*. São Paulo: Edusp, 1994.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poesia e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1979.
- CARVALHO, Vinícius Mariano. *Religião e Literatura: suas interrelações possíveis a partir da obra de Mario Quintana*. Dissertação de Mestrado. Juiz de Fora: UFJF, 2003, p.14.
- BACHELARD, Gaston. *A poética do devaneio*. São Paulo: Martins Fontes: 1996.
- CÍCERO, Antonio. *Poesia e filosofia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.
- FREUD, Sigmund. *O mal-estar na civilização e outros textos [1930-1936]*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- HEIDEGGER, Martin. *A caminho da linguagem*. Petrópolis-RJ/Bragança Paulista-SP: Vozes/Editora Universitária São Francisco, 2004.
- KONDER, Leandro. *Walter Benjamin. O marxismo da melancolia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.
- LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. *A estetização do mundo. Viver na era do capitalismo artista*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- NIETZSCHE, Friedrich. *O nascimento da tragédia ou helenismo ou pessimismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- NUNES, Benedito. *Poesia e filosofia: uma transa*. In: *Ensaio filosóficos*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- PAZ, Octavio. *O arco e a lira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- PRADO, Adélia. *Bagagem*. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2012.
- PLATÃO. *Fédon*. Brasília/São Paulo: UnB/Imprensa Oficial, 2000.
- _____. *República*. Tradução de Enrico Corvisiere. São Paulo: Editora Best Seller, 2002.
- QUINTANA, Mario. *Apontamentos de História Sobrenatural*. São Paulo: Globo, 2005.
- SANTO AGOSTINHO. *Confissões*. São Paulo: Victor Civita, 1973.